

Letrário**editora*

Malhação de Judas

Jairo de Mattos

Maio de 2009



À primeira vista, aquela figura de calças listradas, chapéu de palha e óculos escuros, encostada ao poste e com um enorme cigarro na boca, tendo no peito uma tabuleta com o nome de um dos chatos conhecidos do bairro, mais parecia um bêbado qualquer do que um boneco de pano e palha, vestido com roupas velhas e preso ao poste por arame e barbante.

A garotada andava em volta, aos berros; às vezes, um grito estridente, sem sentido, sobressaía; João, o dono do bar, observava a brincadeira, com um leve sorriso nos lábios e o olhar melancólico, parecendo recordar o seu tempo.

Judas era um símbolo no Sábado de Aleluia, a representação do personagem bíblico, um dos apóstolos de Jesus, que não resistiu à tentação das 30 moedas e se acovardou na hora de sustentar uma causa contrária frente ao poder romano, traindo o mestre a quem jurara lealdade; arrependido, depois, acabou se enforcando numa oliveira.

Judas sobreviveu no tempo e chegou até às ruas da vila, para alegria da garotada, até um tanto diferente da verdadeira identidade com valor histórico e religioso do personagem, posando, agora, como objeto de diversão.

E parece que no poste da vila ele ficou, pois, com o passar do tempo e com a urbanização das cidades – avenidas asfaltadas, mais asfalto e mais trânsito – em meio ao progresso, com o avanço tecnológico – *videogames*, mais disputa, mais violência – também Judas perdeu o seu lugar.

De regresso à vila e voltando atrás no tempo: os moleques gritando e agitando em volta do boneco; o relógio da igreja batendo as 12 badaladas: meio-dia de um Sábado de Aleluia!

Cabos de vassoura, porretes e os garotos avançam sobre o boneco: é a malhação do Judas. Paulada no ar para todos os lados, garotos fora de si batendo e cutucando, furando o boneco com fúria, como se fosse, naquela hora, aquela a sua única razão de viver, quase um ato religioso para vingar Jesus. A palha e o jornal velho, as entranhas de Judas, se espalhando pela calçada, pedaços da roupa velha arrancados e jogados ao vento, Judas vai perdendo suas formas e se transformando num amontoado de lixo em meio a tantos garotos.

O pequeno Eduardo já sentou o cabo da vassoura duas vezes na cabeça do Geraldo e, noutra vez, nas pernas do Fernando; também levou forte pancada na testa, dada pelo Carlinhos, que perdeu os óculos e errou o boneco. Mas, nesta hora, as dores não doem nem há briga para resolver a diferença; o objetivo é único e comum: a malhação do Judas!

No chão, um monte disforme de palha, jornal, pano, pedaços de madeira e arame; em volta, a garotada, já satisfeita pelo dever cumprido, gritando e pulando, lembra quase um ritual indígena; o adulto não resistiu, aproximando-se do monte empastelado, acertou mais um chute e acendeu o providencial palito de fósforo, ateando fogo no que ficou; a algazarra aumentou: era Sábado de Aleluia na vila!

Andando no centro da grande cidade, distante de casa, escuto as 12 badaladas do relógio de uma igreja. É de novo Sábado de Aleluia. Procuo, em volta, os garotos, um boneco de palha com roupas velhas e nada; ando mais rápido, dobro a esquina e nada. Aqui, na metrópole, não há lugar para o velho Judas da vila; aqui, na grande cidade, já se esqueceram do coadjuvante e até, quem sabe, do artista principal: Jesus!

Fim



Letrário* *editora*

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

http://www.letorario.pt/1_pt/900/9002.htm

+ 351 21 711 20 20

letorario@letorario.pt